

Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

DA PRAIA

Lembro que olhando pela porta do bar vimos a indecisa aurora que animava as ondas. Erguêmo-nos, saímos. O oceano amanhecia como um poderoso trabalhador, a resmungar; ou como grande, vasta mulher, entre murmúrios; ou como árvore imensa num insensível espreguiçamento de ramos densos de fôlhas. No seio da imensa penumbra nascia um mundo de solidão perante nossos olhos cansados. Era um mundo puro, mas triste e sem fim; um grande mundo que assombrava e amargava o pobre homem perdido na praia. Agora todos haviam partido, eu estava só. Não tinha um amigo, nem mulher, nem casco de canoa, nem pedra na mão. A maneira mais raivosa e primária de comunicação com o mar é ter uma pedra na mão e lançá-la. É um desafio de criança ou de louco; é um apêlo.

Para o homem solitário da praia o mar tem uma vida de espanto. Já nadei em uma praia solitária de mar aberto; tem um gosto de luta e de suicídio; dá uma espécie de raiva misturada com medo. Não apenas imaginamos que naquela praia selvagem grandes peixes vorazes devem se aproximar, e a cada instante julgamos pressentir o ataque de um tubarão; também sentimos, na força da onda que rompemos, uma estranha vida, como se estivéssemos lutando entre os músculos de um imenso animal.

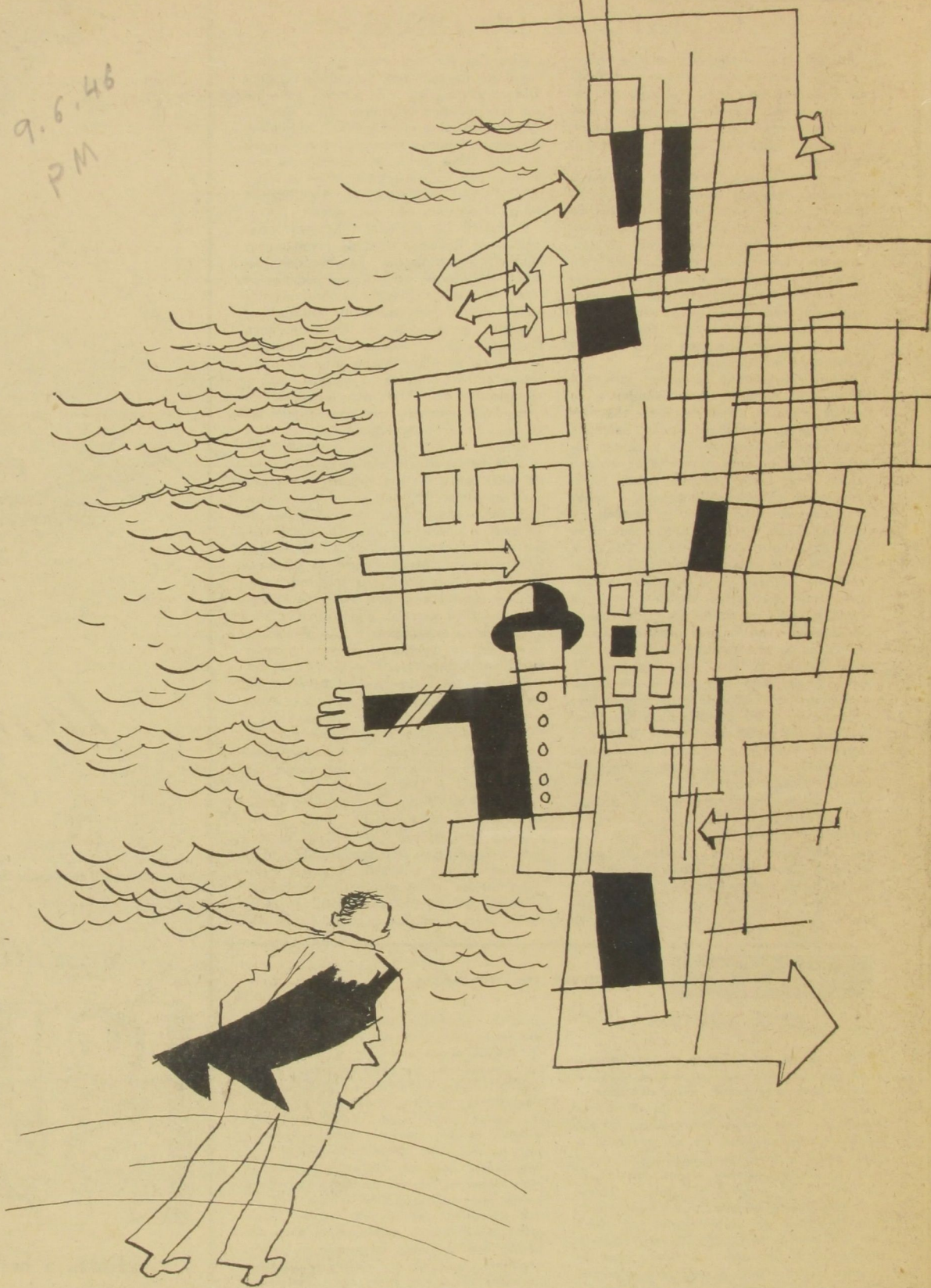
Para o sul e para o norte a grande praia deserta; atrás, baixos morros selvagens e arenosos, num horizonte morto; e o mar sitiando tudo, acuando tudo, com seu tumulto e seus estrondos. Mais de uma vez vagabundei sozinho em canoa pelas costas desertas. Mas montado em canoa temos um domínio: jogamos um jôgo com a água e o vento, e ganhamos. O homem só na praia, perante as ondas mais altas que êle, êsse é de uma fraqueza patética. Pode desconhecer o mar e seguir caminhando em silêncio pela areia; se o faz, porém, sabe que está fugindo a um insistente desafio. Sua linha de movimento, ao longo da praia, com o mar bramindo ao seu flanco, é uma perpendicular constrangedora às grandes linhas de ação da natureza. A espuma das ondas que lhe chega aos pés ou dêles se aproxima, ora mais, ora menos, acuando-o de um lado, lembrara-lhe que não deve andar em reta, mas se afastando e se abeirando do mar, para ter, nessas oblíquas, uma ilusão de que não se desloca fora do eixo da natureza. Só o vento, não soprando do seio da terra nem do centro do mar, mas empurrando-o pelas costas ou batendo-lhe a cara, pode restaurá-lo no ritmo do mundo. Empurrado pelo vento, êle está de bem com a natureza, e se deixa levar, embora com um vago ressentimento. Contriariado pelo vento, êle põe em jôgo seu instinto de luta, e sua marcha mais banal tem um secreto sabor heróico.

Assim anda o homem solitário na longa praia. Mas aqui a praia não é deserta. Atrás de nós estão os edifícios fechados, e a cidade que desperta penosamente. Parados entre a solidão do oceano e a solidão urbana, estamos entre o mundo puro e infinito de sempre e o mundo precário e quadriculado de todo o dia. Este é o mundo que nos prende; estamos amarrados a êle pelos fios de mil telefones.

E ainda somos abençoados, porque vivemos nesta cidade perante o amplo mar. Quando nós, homens, erguemos uma cidade, quantas vêzes somos desatentos e pueris! Há cidades entre montanhas, e são tristes; mais tristes são aquelas em que vegetamos no mesquinho plano sem fé, limitados a norte, sul, leste, oeste pelo mesmo frio cimento que erguemos. Se tôdas as esquinas são em ângulo reto, que esperança pode haver de clemência e doçura? Apenas o céu nos dá a curva maternal de que temos sede. Mas o homem, por natureza, pouco olha o céu; é um animal prisioneiro da grosseira força da gravidade: ela puxa nossos olhos para o plano, para o chão. Plantai a vossa povoação junto a um rio, e estareis perdoados; tendes o fluir melancólico das águas para levar as vossas canoas nas monções do sonho.

Mas deixemos o mar; entremos por esta rua. Estrondam bondes. A lenta maré humana começa a subir. Os açougues mostram a carne vermelha a uma luz cruel; as filas se mexem inquietas, sem avançar, velhas cobras de barriga vazia. Voltemos para casa, e sejamos humildes. O mundo é sêco. Não mais sonhar em remover as povoações para a beira do mar oceano, nem abrir caminhos para a fuga da tristeza humana. Estamos outra vez quadriculados em nosso tédio municipal: a torneira não tem água. Ajoelhemos perante a torneira sêca: e, embora sem lágrimas, choremos.

9.6.46
PM



A POESIA É NECESSÁRIA

Belo Horizonte

HÉLIO SANTOS

Nota: Êsse é o único poema que Hélio Santos fez até hoje em sua vida. Ele é fotógrafo de MANCHETE e esteve, recentemente, a serviço, em Belo Horizonte, sua cidade natal. Êsse regresso à infância improvisou o poeta no fotógrafo profissional. O incidente se deu no avião que o devolvía ao Rio.

Devolve-me coisas de criança.
Devolve-me terra de lembranças de horas esquecidas.
A infância em seu horizonte perdido, os anos de outrora.
Devolve-me porque as horas me fogem.
Devolve-me êste coração de criança que não envelhece ao recordar.
Devolve-me, sorte invejosa. Irmãos de infância, das amizades sinceras, casa e rua.

Do passado que não voltará.
Devolve-me, pássaro, que do meu ninho me tiraste, levando-me ao horizonte.
Perdido sem esperança de voltar ao lar amado.
Levas a saudade, tristeza. É o coração de criança que envelhece se não voltar.

Devolve-me senão enlouqueço de tanto recordar.